

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARIANA GREGO

**DA ESTRUTURA DE *MARRIAGE PLOT* À COMÉDIA ROMÂNTICA: UMA
ANÁLISE CRÍTICA DO PAPEL DA MULHER ATRAVÉS DAS OBRAS *ORGULHO
E PRECONCEITO* E *O DIÁRIO DE BRIDGET JONES***

Bagé

2017

MARIANA GREGO

**DA ESTRUTURA DE *MARRIAGE PLOT* À COMÉDIA ROMÂNTICA: UMA
ANÁLISE CRÍTICA DO PAPEL DA MULHER ATRAVÉS DAS OBRAS *ORGULHO
E PRECONCEITO* E *O DIÁRIO DE BRIDGET JONES***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras: línguas adicionais inglês, espanhol e respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Lazzaris

Bagé

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

Grego, Mariana

Da estrutura de *marriage plot* à comédia romântica: uma análise crítica do papel da mulher através das obras *Orgulho e Preconceito* e *O diário de Bridget Jones* / Mariana Grego.
49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2017.
"Orientação: Fabiane Lazzaris".

1. Marriage Plot 2. Feminismo 3. Patriarcado.

MARIANA GREGO

**DA ESTRUTURA DE *MARRIAGE PLOT* À COMÉDIA ROMÂNTICA: UMA
ANÁLISE CRÍTICA DO PAPEL DA MULHER ATRAVÉS DAS OBRAS *ORGULHO
E PRECONCEITO* E *O DIÁRIO DE BRIDGET JONES***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras: línguas adicionais inglês, espanhol e respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12 de dezembro de 2017.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Fabiane Lazzaris
Orientadora
UNIPAMPA

Profa. Dra. Katia Vieira Morais
UNIPAMPA

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
UNIPAMPA

Dedico este trabalho aos meus pais, Silvana e Rene, que com apoio e amor me guiaram e não mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTO

À Profª Drª Fabiane Lazzaris pela orientação e dedicação a este trabalho.

Aos meus pais por sempre me incentivarem a estudar e correr atrás dos meus sonhos, este trabalho só foi possível graças ao apoio e dedicação de vocês.

Ao Iago Brasil que sempre acreditou em mim, não duvidando nunca do meu potencial e sempre me trouxe palavras de conforto e compreensão.

À senhorita Melissa Barbieri por suas dicas maravilhosas de escrita e revisões de texto, inclusive pela amizade e estímulo nesta trajetória acadêmica.

À Larissa Assis por sua irmandade e paciência em dormir e acordar me ouvindo falar sobre este trabalho e sobre todas os outros dilemas da vida acadêmica.

À Profª Drª Kátia Moraes que trabalhou com escrita acadêmica de uma maneira tão didática e me fez acreditar que escrita não é um bicho de sete cabeças.

Aos professores e professoras do curso de Letras que compartilharam seus conhecimentos comigo e minhas colegas de turma.

“E eu perdoaria facilmente o seu orgulho se ele não tivesse mortificado o meu”.

Jane Austen

RESUMO

O presente trabalho analisa a obra *Orgulho e Preconceito* (1813) e o filme *O diário de Bridget Jones* (2001) através de uma perspectiva feminista sobre os papéis de gênero associados às protagonistas de ambas as obras. Para a realização dessa análise, estudou-se a estrutura de *marriage plot*, presente na obra *Orgulho e Preconceito* e sua estrutura equivalente no cinema, o gênero comédia romântica, retratado no filme *O diário de Bridget Jones*. O objetivo deste trabalho é analisar esta obra através de uma perspectiva feminista. Esta análise teve enfoque na estrutura literária presente na obra fonte, *marriage plot*, e na estrutura presente na obra adaptada, comédia romântica. Estas estruturas apresentadas nos textos analisados, apesar de afirmar que o casamento é a construção padrão patriarcal, podem servir como meio de desconstrução dos papéis sociais de gênero. Em seguida, analisou-se através de excertos dos textos literários e fílmicos as questões de gênero e como elas influenciam às relações sociais de suas personagens. Observou-se que as duas obras, apesar de inseridas em contextos sócio-históricos diferentes discutem a idealização do padrão de comportamento feminino de suas respectivas épocas, e a distinção dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres na sociedade. Isso ocorre através de suas personagens transgressoras que rompem com o padrão social. Sendo assim, conclui-se que a ficção tem um papel importante ao discutir o *status quo* imposto pelo sistema patriarcal, abrindo espaço para reflexão sobre a opressão e a limitação do espaço da mulher na sociedade.

Palavras-Chave: Marriage plot; feminismo; patriarcado

ABSTRACT

This monograph analyses the novel *Pride and Prejudice* (1813) and the movie *Bridget Jones's Diary* (2001) through a feminist perspective about the gender roles designated to women and men. In order to analyze the works, the marriage plot concept was historically and structurally explored. This structure is presented in *Pride and Prejudice* and in *Bridget Jones's Diary*, considering it as an equivalent term to the genre romantic comedy in cinema. The objective of this work is to analyze the book and the movie through a feminist perspective. This analysis focus on marriage plot structure and the genre romantic comedy. These structures presented on the texts analyzed can be used as a way of deconstruct gender roles, although they affirms that marriage is a standard of patriarchal society. Later, gender roles questions were analyzed using excerpts of *Pride and Prejudice* and *Bridget Jones's Diary*; this analysis was based on how gender questions affects the social relations of the characters of both texts. Although inserted in a different socio-historical context; it was observed that both works present an idealized pattern of women's behaviour and divide women and men through social roles they must assume within society. Therefore, in conclusion, fiction has an important role in the discussion about the patriarchal society and their assumptions, opening space to reflect about the oppression and the restricted space that society alots women.

Keywords: Marriage plot; Feminism; Patriarchy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE <i>MARRIAGE PLOT</i> E UM TRAÇADO HISTÓRICO DO USO DESSA ESTRUTURA NA LITERATURA ANGLO-SAXÃ	12
2. <i>MARRIAGE PLOT</i> NAS OBRAS DE JANE AUSTEN E EM <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i>	19
2.1 <i>Marriage plot</i> nas obras de Jane Austen	19
2.2 <i>Marriage plot</i> em <i>Orgulho e Preconceito</i> (1813)	22
3. <i>MARRIAGE PLOT</i> NO CINEMA E NO FILME <i>O DIÁRIO DE BRIDGET JONES</i>	27
3.1 De <i>Orgulho e Preconceito</i> ao filme <i>O diário de Bridget Jones</i>	27
3.2 Adaptando as personagens	29
3.3 Adaptando <i>marriage plot</i>	33
4. O CONCEITO DE <i>MARRIAGE PLOT</i> NA PERSPECTIVA FEMINISTA	35
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Neste trabalho analiso as obras *Orgulho e Preconceito* (1813) e *O diário de Bridget Jones*. Diante de tantas produções e adaptações inspiradas em *Orgulho e Preconceito* escolhi esta obra em sua versão fílmica para comparar e contrastar com a obra de Jane Austen. Essa produção fílmica é uma adaptação do livro *O diário de Bridget Jones* (1996), de Helen Fielding, porém foco somente na análise do filme. O filme, lançado em 2001 reflete em sua trama o papel da mulher na sociedade moderna, relacionando o sexo feminino ao matrimônio. Tanto o filme *O diário de Bridget Jones* (2001) quanto o livro *Orgulho e Preconceito* (1813) apresentam personagens femininas que não fazem parte do padrão de mulher imposto pela sociedade de sua época correspondente. Apesar de a personagem Bridget Jones ser inspirada em Elizabeth Bennet, as personagens vivem em contextos e épocas distintas. Partindo da ideia de que as obras apresentam discursos representantes de diferentes séculos busco analisar e comparar as críticas sociais presentes em ambas as obras para contribuir com o diálogo sobre os papéis sociais impostos às mulheres pela sociedade patriarcal em que estamos inseridas, assim como, desconstruir a ideia de que para ser mulher deve-se atender esses papéis sociais.

Através de suas personagens Jane Austen aborda o casamento como mercado. Da mesma forma, o filme traz, através de Bridget Jones, diversas críticas ao papel que é imposto às mulheres. Com isso analiso aqui o casamento como mercado, visto que ao pensar em *Orgulho e Preconceito* (1813) como produto cultural do século XIX, veremos nas entrelinhas o ideal de casar-se por amor em um século que o casamento era baseado na economia e no lucro. Já em *O diário de Bridget Jones* (2001) a questão dos papéis de gênero associados às mulheres são tema do filme. O meu trabalho se desenvolve a partir da análise dos textos fontes, sendo eles, *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen e o filme *O diário de Bridget Jones* (2001). Os textos¹ são analisados através das falas das personagens principais sobre a sociedade em que vivem e as situações enfrentadas por elas no desenrolar da história, assim como o contexto histórico-cultural em que estão

¹ Me refiro aqui ao texto fílmico, levando em consideração as especificidades da linguagem cinematográfica.

inseridas. Sendo assim, minha análise inicial parte da estrutura narrativa das obras em questão e as críticas sociais apresentadas nas obras.

Objetivo compreender e relacionar o casamento e a mulher do século XIX com o casamento e a mulher do século XXI através do conceito de *marriage plot* presente nessas obras. Além disso, pretendo discutir a importância da voz de Elizabeth Bennet e Bridget Jones, ambas personagens questionadoras do papel imposto à mulher e das convenções sociais tradicionais da época em que vivem. Para isso abordo no capítulo 1 o conceito de *marriage plot* na literatura, com o intuito de definir historicamente seu surgimento, assim como definir de que forma esta estrutura se apresenta. No capítulo 2 abordo o conceito de *marriage plot* nas obras de Jane Austen e em *Orgulho e Preconceito*, com o objetivo de retratar o modelo de *marriage plot* apresentado pela escritora e sua influência na construção desse conceito, assim como analisar como a história e as personagens e seus discursos se desenvolvem dentro dessa estrutura narrativa. No capítulo 3 abordo o filme *O diário de Bridget Jones* (2001), levando em conta as especificidades da linguagem cinematográfica, apresentando os conceitos de adaptação fílmica e comparando as obras *Orgulho e Preconceito* e *O diário de Bridget Jones* (2001), como também o conceito de *marriage plot* ou seu conceito equivalente na versão cinematográfica em *O diário de Bridget Jones*. Por fim, no capítulo 4 discuto ambas as obras através de uma perspectiva feminista, visto que ambas as obras apresentam críticas ao sistema patriarcal e à pressão social sofrida pelas mulheres.

1. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE *MARRIAGE PLOT* E UM TRAÇADO HISTÓRICO DO USO DESSA ESTRUTURA NA LITERATURA ANGLO-SAXÃ

Na literatura, atualmente, já se tem um termo utilizado para definir histórias de amor como as escritas por Jane Austen no final do século XVIII e início do século XIX. O conceito se chama *marriage plot*, o qual “pode facilmente ser considerado uma das mais antigas estruturas narrativas na história da literatura”² (LANGENDRIES, 2005). A literatura é, apesar de ficcional, fonte para pesquisa da época em que se foi escrita, (BUSS, 2011) ou seja, retrata a sociedade da época e carrega junto a si os costumes e funcionamento da sociedade. Pensando nisso, o surgimento da estrutura de *marriage plot* está conectado à época em que se passam as obras que apresentam esta estrutura em sua trama. Estrutura esta que se origina no trovadorismo do século XII mantendo-se até os dias de hoje (LANGENDRIES, 2015). Apesar de Langendries acreditar que a estrutura de marriage plot provém dos trovadores pensadores como Luc Ferry (2013) acreditam que o trovadorismo se conectava mais a idealização do amor, já o casamento por amor ou vontade individual está relacionado com o advento da revolução industrial e a consequente ascensão de uma classe trabalhadora.

O conceito de casamento e os casamentos por amor foram retratados durante a história da literatura, se percebe com os trovadores a questão da idealização de um amor impossível. Já o ideal de casamento por amor no contexto histórico-social surgiu com a revolução industrial.

Então se casar por amor é uma invenção europeia relativamente recente, tornada possível pela revolução industrial. As mulheres jovens, em número crescente, tiveram que viver, sozinhas ou com uma colega de trabalho, numa pequena sala na cidade onde trabalhavam e foram, pela primeira vez em suas vidas, pagas. Graças aos seus salários, finalmente foram libertadas da supervisão sufocante da aldeia e podiam escolher um

² “can easily be considered one of the oldest narrative structures in literary history” (LANGENDRIES, 2005) - [minha tradução]

companheiro seguindo suas próprias inclinações. Elas foram assim libertados dos constrangimentos que ainda dificultavam o amor das crianças da classe média, como os jovens representados por Molière, sempre contrariados pelo desejo de um pai que está empenhado em casá-las com um parceiro que se adequa aos interesses dele (PERRY, 2013)³

A partir dessa citação vemos que foi diante da migração de jovens mulheres para a cidade em busca de trabalho em indústrias que surgiu o casamento por amor. Através da mudança de ambiente estas jovens passavam a possuir independência pois saíam de seus vilarejos/aldeias, recebiam um salário e com isso se libertavam da pressão familiar para o casamento imposto e também passavam a ter nova identidade, visto que sua família/nome havia ficado em seu lugar de origem.

Segundo Massaud Moisés (2004, p. 454⁴ apud; VILAS BOAS; HUNHOFF, 2014, p. 12) o trovadorismo foi um “movimento poético iniciado no século XII, na Provença, e difundido pela Península Ibérica, Itália e Alemanha entre os séculos XII e XIV”. De acordo com Campbell (1990) os trovadores do século XII foram os primeiros a pensar o amor⁵ da maneira que pensamos hoje, ou seja, foram os primeiros a pensar no amor entre duas pessoas, assim como idealizá-lo. A poesia trovadoresca é dividida em satírica e lírica, a primeira era composta por cantigas de maldizer e cantigas de escárnio, a segunda era composta por cantigas de amor e cantigas de amigo. Os textos líricos, que são aqueles que retratavam o amor, eram “repletos de paixão, sofrimento pela amada (geralmente de casta mais nobre que a do trovador), angústia pela partida do amado para as grandes batalhas” (MERÇON, 2014). Através dessas cantigas de amor os trovadores iniciaram “um novo modo de

³ So marrying for love is a relatively recent European invention made possible by the industrial revolution. Young women, in increasing numbers, had to live, either alone or with a fellow worker, in a small room in the city they worked and were, for the first time in their lives, paid. Thanks to their wages, they were finally freed of the suffocating supervision of the village and could choose a companion following their own inclinations. They were thus freed from the constraints that still hampered the love of middle-class children, like the young people depicted by Molière, forever thwarted by the will of a father is bent on getting them to marry a partner who suits his interests (PERRY, 2013) - [minha tradução]

⁴ MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

⁵ Trato aqui o conceito de amor entre casais.

pensar e de sentir” (BARROS, 2008), escrevendo sobre o amor e a paixão através da estrutura de amor cortês.

Quando vejo a cotovia bater suas asas
de alegria contra o raio de sol,
até que se deixa cair, esquecida de voar,
devido à doçura que lhe vai ao coração
ai, tão grande inveja me vem
daqueles que vejo cheios de alegria
que me assombro que meu coração
não derreta imediatamente de desejo

Ai, tanto cuidava eu saber do amor
e tão pouco sei
pois não posso me conter de amar
aquela de quem não terei favor.
Ela roubou de mim meu coração,
todo o meu ser, e todo o meu mundo.
e quando se retirou de mim,
não me deixou nada
além de desejo e um coração ansioso

(1ª e 2ª estrofes)⁶

A poesia trovadoresca de Bernard de Ventadorn é um exemplo de cantiga de amor e de amor cortês, aqui o poeta declara seu amor pela amada e também fala sobre o sofrimento que este amor não correspondido lhe traz.

Os trovadores foram os que impulsionaram o ideal de amor, visto que foram esses poetas que apresentaram através de suas composições que o amor deveria ser experienciado por duas pessoas. Através disso, eles criticavam a ideia que se tinha de casamento na época, visto que era comum o casamento arranjado pelas

⁶ Baseadas na versão traduzida para o inglês de Howard de Bloch em *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*, p 180-182, com tradução para o português de Cláudia Moraes, extraída do texto de José D’Assunção Barros.

famílias. “Na Idade Média, esse era o tipo de casamento santificado pela Igreja, de modo que a idéia trovadoresca do verdadeiro Amor entre duas pessoas era muito perigosa” (CAMPBELL, 1990). Temos então, duas ideias da construção do amor, a igreja apresentava o casamento arranjado pela sociedade que acreditava que o amor viria com o tempo, colocando-o em segundo plano, não sendo este importante para que um casamento seja realizado. Já os trovadores apresentam o amor romântico, ou seja, o amor idealizado e impossível retratado em suas cantigas. Por outro lado, temos também diversos outros textos literários que terminam com casamentos felizes (O’CONNELL, 2011), assim como, têm suas estruturas semelhantes a estrutura de *marriage plot*.

O casamento como final feliz tem sido comum em comédias e romances por séculos e em muitas línguas. Na prosa eles voltam pelo menos até Longus do século II com *Daphnis and Chloe* como Margaret Doody observou⁷ (O’CONNELL, 2011).

Através dessa citação vemos que o casamento foi retratado antes do surgimento da estrutura de *marriage plot*, assim como, casar-se por amor já era algo retratado em outras obras que apesar de pouco difundido já estava sendo representado na literatura.

No final do século XVI e início do século XVII Shakespeare publicou diversas obras que apresentavam o amor em sua trama. Como exemplo dessas obra temos *Sonho de uma noite de verão* (1605) que tem como desfecho o casamento dos apaixonados, além dessa característica, tal obra apresenta barreiras que devem ser enfrentadas para que a união dos casais aconteça. Não tão diferente no quesito amantes que enfrentam barreiras para se casarem, *Muito barulho por nada* (1600), uma comédia com diversas idas e vindas, desenvolve-se através das intrigas e até mesmo intrigas por orgulho.

Sonho de uma noite de verão (1605) conecta três tramas ao casamento de Teseu, o duque, e Hipólita, a rainha das amazonas. No começo da peça

⁷ “had been commonplace in comedies and romances for centuries, and across many languages. In prose they reach back at least as far as Longus’s second-century *Daphnis and Chloe* as Margaret Doody has observed” (O’CONNELL, 2011) - [minha tradução]

conhecemos a história de Hérnia, que é apaixonada por Lisandro porém o pai de Hérnia, Egeu, quer que ela se case com Demétrio. Para forçar a filha a casar-se com quem Egeu deseja ele pede a Teseu que decida o caso através de uma lei antiga de Atenas que diz que a filha deve casar com quem o pai escolher ou pode ser executada. Teseu sugere e dá a opção de Hermia tornar-se uma sacerdotisa da deusa Diana. Hérnia não feliz com nenhuma das opções planeja junto a seu amado fugir pela floresta. Os amantes decidiram confiar tal plano a Helena, melhor amiga de Hérnia e apaixonada por Demétrio. Helena decide então revelar o segredo da amiga por pensar que contando a Demétrio que Hérnia fugiria com Lisandro conquistaria a confiança e o amor de Demétrio. Demétrio decide ir atrás de Hérnia e Lisandro e Helena vai atrás dele. A floresta é encantada, lá habitam seres mitológicos e fantásticos. Oberon, rei dos Elfos, vê Helena e Demétrio brigando e decide ajudar a senhorita apaixonada, pedindo para seu elfo, Puck, colher amores-perfeitos, que é uma flor que quando se põe o líquido dela nos olhos de alguém que está dormindo, a pessoa, quando despertar, ficará apaixonada pelo primeiro que ver. Puck confundiu Lisandro com Demétrio e enfeitiçou Lisandro que quando despertou Helena estava a sua frente. Em meio a essa confusão na floresta, Puck fez algo certo, Oberon estava brigado com Titânia, rainha das fadas. Ele enfeitiçou Titânia e a fez se apaixonar por um ateniense que estava na floresta junto a sua companhia de teatro ensaiando para apresentar uma peça teatral no casamento do duque e da rainha das amazonas. Sabendo de sua falha com os amantes atenienses Oberon pede que Puck arrume seu erro enfeitiçando aos amantes corretos e também retirando o feitiço de Lisandro. Depois de diversas idas e vindas, a comédia de Shakespeare termina com o casamento de Lisandro e Hérnia, Demétrio e Helena e Teseu e Hipólita. Casaram-se todos juntos. E na floresta tem final feliz também, Titânia e Oberon fizeram as pazes.

Já em *Muito barulho por nada* (1600) a trama principal engloba os obstáculos enfrentados por Hero e Cláudio, um casal de namorados. A história se inicia com Dom Pedro, príncipe de Aragão, seu irmão bastardo, Dom João, seus amigos Cláudio e Benedito, jovens fidalgos, voltam da guerra para a vila de Messina. Eles foram bem recebidos na casa de Leonato, o governador de Messina, logo, os amantes já foram se revelando, Hero e Cláudio no amor tradicional, Benedito e

Beatriz, prima de Hero, em um amor que eles negam. Dom Pedro, Cláudio e Leonato fingem uma conversa dizendo que Beatriz está apaixonada por Benedito, essa conversa ocorreu quando eles sabiam que Benedito está próximo para ouvir o que eles diziam. Depois disso, Hero e sua criada conversam dizendo que Benedito estava apaixonado por Beatriz e tal conversa ocorreu em um momento que elas sabiam que Beatriz ouviria. Sem que Benedito e Beatriz percebam foram enganados por seus amigos e passaram a ser namorados, pois os dois revelaram o amor que sentiam um pelo outro. Com ciúmes de todos os acontecimentos Dom João arma para Cláudio não se casar com Hero, colocando então um de seus companheiros para cortejar a criada de Hero na janela de seu quarto, ao ver tal cena Cláudio fica desolado e decide humilhar a Hero no dia no casamento. No desenrolar da história descobriram a verdade, porém o pai de Hero conta a Cláudio que ela está morta e pede que Cláudio passe a noite velando Hero e também que se case com uma prima. Quando Cláudio aparece no casamento para cumprir com o combinado descobre que Hero está viva e os dois amantes de casam. Benedito e Beatriz descobrem que armaram para eles mas o amor venceu.

Ao visualizar a trajetória de histórias de amor e suas barreiras e casamento que se perpetuaram durante séculos, posso dizer que, através dos séculos, essas histórias de amor culminaram em histórias que apresentam a estrutura de *marriage plot*. Dito isso, vemos que em Shakespeare os casais enfrentam diversas barreiras para ficarem juntos, entre essas idas e vindas ainda assim o amor vence e a trama termina em casamento. Pensando nas semelhanças com a estrutura de *marriage plot* temos, em *Sonho de uma noite de verão*, duas barreiras enfrentadas pelos casais, que são, de acordo com Langendries (2015) características da estrutura de *marriage plot*, a interferência dos pais (neste caso, o pai de Hérnia) e pretendentes errados (neste caso, a confusão que Puck fez ao enfeitiçar Lisandro e não Demétrio). Em *Muito barulho por nada* Shakespeare traz barreiras diferenciadas, ou seja, barreiras criadas por vilões e também a barreira por preconceito, que é apresentada através dos personagens Benedito e Beatriz, visto que os mesmos estavam sempre trocando palavras grosseiras.

Os séculos XVII e XVIII são marcados pelo surgimento das obras de Samuel Richardson e Frances Burney (conhecida também como Fanny Burney), que de

acordo com Louzada (2015) são grandes nomes quando o assunto é romance de casamento (conceito de *marriage plot* traduzido). Louzada (2015) define esses autores como precursores desse tipo de romance. Richardson é autor de *Pamela* (1740), que além de fazer parte dos romances de *marriage plot*, é o retrato da mulher ideal para a época, e Frances Burney, não tão conhecida em sua época, escrevia romances “com protagonistas bem mais complexas e ricas do que as de Richardson” (LOUZADA, 2015), ainda que suas personagens se enquadrassem em padrões de mulheres da época. O conceito de *marriage plot* apresentava em ambos os autores características singulares no quesito personagens. Na obra de Richardson as mulheres são apresentadas como modelos para aquela época devido ao teor de *conduct-book*, ou seja, livros utilizados para educar moças de classe média. Já nas obras de Burney as personagens “têm desejos e pensamentos próprios, o que é condizente com uma escrita feminina” (LOUZADA, 2015). A própria Burney era uma mulher à frente do seu tempo, ou seja, uma escritora no século XVII que enfrentava barreiras por expressar seus desejos e pensamentos, algo que não era comumente atribuído às mulheres da época, refletindo essa tensão em suas personagens femininas. No século seguinte surge Jane Austen, que continua a tradição dos romances de *marriage plot* e tem uma produção prolífica de romances com essa estrutura. Apesar de diversos outros autores também publicarem obras que seguem essa tradição de *marriage plot*, Jane Austen tem papel predominante e tornou-se referência dessa estrutura de romance.

Em suma, o termo *marriage plot* é utilizado para referir-se aos romances que apresentam em sua trama os desafios sociais e pessoais que o casal apaixonado enfrenta para ficar junto e casar-se. Esses desafios apresentam “situações em que os amantes têm que superar obstáculos que impedem sua união como pais intrometidos, pretendentes errados, barreiras de classe e preconceito pessoal”⁸ (LANGENDRIES, 2015). O final de tais tramas é sempre determinado por um casamento, em outras palavras, o final feliz da história acontece quando os amantes se unem em matrimônio.

⁸ “situations in which the lovers have to overcome obstacles that stand in the way of their union like meddling parents, wrong suitors, class barriers and personal prejudice” (LANGENDRIES, 2005) - [minha tradução]

2. MARRIAGE PLOT NAS OBRAS DE JANE AUSTEN E EM *ORGULHO E PRECONCEITO*

2.1 *Marriage plot* nas obras de Jane Austen

Jane Austen é umas das escritoras mais famosas da literatura inglesa. É considerada uma das mais importantes figuras do romance inglês do século XIX, suas obras são objeto de estudo tanto na academia quanto nas escolas. A escritora publicou seus romances utilizando pseudônimos, devido à sociedade da época, que não via de maneira positiva uma mulher ser escritora “apesar de a atividade de escritora ser uma das maneiras comuns de uma mulher solteira se sustentar” (AGOSTINHO, 2006). O *marriage plot* de Jane Austen fez e ainda faz tanto sucesso, pois, de acordo com Eberle (2011) Austen conseguiu criticar as normas sociais dentro de uma estrutura aceitável, ou seja, o *marriage plot* traz o casamento como desfecho da obra. Por conta disso, temos Austen como autora de diversos romances de *marriage plot*, que utiliza esta estrutura aceita socialmente para criticar um sistema que poderia ser diferente, em que as personagens, apesar de viverem em uma sociedade onde a mulher não tinha recursos, pudessem então casar-se por amor.

Ela herdou a forma tradicional do *marriage plot*, onde o objetivo final da heroína era se casar com o homem ideal e viver feliz para sempre, dos romancistas anteriores. Esse *plot* veio com expectativas, como um mantenedor dos valores culturais associados com o ideal de casamento no século XVIII. Contudo, Austen virou essa expectativa de cabeça para baixo utilizando o cortejo como uma plataforma para enfrentar problemas profundos, como econômicos e de papéis de gênero.⁹ (EBERLE, 2011)

⁹ “she inherited the form of the traditional marriage plot, where a heroine’s ultimate goal was to marry the ideal man and live happily ever after, from previous romance novelists. This plot came with expectations, such as an upholding of the cultural values associated with an ideal marriage in the 18th century. However, Austen turned this expectation upside down by using courtship as a platform to address deeper problems, such as economics and gender roles” (EBERLE, 2011) [minha tradução]

Visto que, através de suas diversas personagens, Austen questionou o padrão da sociedade da época, como por exemplo a definição de mulher ideal através da personagem Elizabeth Bennet em *Orgulho e Preconceito*, que se surpreende com o fato de existirem mulheres que se encaixem no modelo de mulher ideal da época em que a história se passa. A Srta. Bennet questiona a real existência de mulheres que se adequem totalmente ao ideal de mulher perfeita dessa sociedade. Uma vez que, Elizabeth Bennet ficou espantada que diante de tantas exigências para o ideal de mulher perfeita o Sr. Darcy ainda conheça alguma que se encaixe.

— A sua lista dos talentos comuns — disse Darcy — é verdadeira demais. A palavra "prendada" é aplicada a muitas moças somente porque sabem tricotar uma bolsa ou forrar um biombo. Mas estou longe de concordar com você no seu julgamento sobre as moças em geral. Apesar do grande número das minhas relações, não posso gabar-me de conhecer mais de meia dúzia de moças realmente prendadas.

— Nem eu — disse Miss Bingley.

— Nesse caso — observou Elizabeth — deve exigir muitas qualidades para o seu ideal de mulher perfeita.

— De fato, exijo muitas qualidades.

— Oh, certamente — exclamou a sua fiel aliada. — Nenhuma mulher pode ser realmente considerada completa se não se elevar muito acima da média. Uma mulher deve conhecer bem a música, deve saber cantar, desenhar, dançar e falar as línguas modernas, a fim de merecer esse qualificativo, e além disso, para não o merecer senão pela metade, é preciso que possua um certo quê na maneira de andar, no tom da voz e no modo de exprimir-se.

— Sim, deve possuir tudo isso — acrescentou Darcy. — E acrescentar ainda alguma coisa mais substancial: o desenvolvimento do espírito pela leitura intensa.

— Já não me espanto de que conheça apenas seis mulheres completas, espanto-me é de que conheça alguma. (AUSTEN, 1813)

Nascimento (2012) atribui os papéis sociais apresentados na obra a fatores econômicos, políticos e sociais da época em que a obra foi escrita, ou seja, o momento pelo qual a Inglaterra estava passando na época em que a obra foi escrita tem relação com a maneira como a história se desenvolve. Olhar, então, para a obra através de um viés político, permite visualizar as críticas sociais presentes na mesma, assim como, visualizar características da sociedade da época.

O romance *Orgulho e Preconceito* apresenta em sua trama a sociedade inglesa do início do século XIX, retrata a vida cotidiana, ou seja, os costumes e funcionamento da sociedade da época. Quando se fala das obras de Austen e *marriage plot* não podemos pensar somente em *Orgulho e Preconceito*, Jane Austen escreveu sobre o casamento, amor, amizade e família em suas outras obras também (BIGUELINI, 2009). Ainda que retratasse a sociedade da época em que vivia, Austen retratou de forma significativamente em suas obras o casamento por amor assim como as suas impressões sobre a sociedade inglesa de sua época (BIGUELINI, 2009).

De um modo sutil, tanto para os leitores do século XIX quanto para os leitores de agora, a autora reflete sobre as mulheres e seus papéis, tais como, os diversos saberes e modos de portar-se diante da sociedade, assim como a pressão para casar-se cedo. Através de seus romances de *marriage plot* Austen retratou “o cotidiano da vida feminina” (BIGUELINI, 2009), para isso “a autora traçou o cotidiano de um grupo familiar, seus amigos e vizinhos” (BIGUELINI, 2009). Suas histórias se passavam em um ambiente familiar, onde as personagens principais apresentavam discursos que podiam ou não criticar a sua família e sociedade, assim como algumas personagens não criticavam abertamente a sociedade porém tais críticas estavam presentes nos acontecimentos da obra. Elizabeth Bennet é um exemplo de personagem que tinha uma visão crítica de sua família e da sociedade em que vivia

[...] Quanto mais conheço o mundo, mais me sinto insatisfeita com ele; e a cada dia se confirma a minha crença na incoerência de toda personalidade humana e na pouca confiança que podemos depositar na aparência de mérito ou razão. (AUSTEN, 1813)

Neste trecho do livro, Elizabeth está conversando com sua irmã Jane, como podemos ver a personagem se refere à personalidade das pessoas, que é algo que durante a obra é conhecida por observar, assim como, o trecho é uma crítica às pessoas e suas incoerências. Nas obras de Jane Austen críticas à sociedade também eram retratadas através “dos pequenos acontecimentos do dia-a-dia” (BIGUELINI, 2009), onde se poderia notar as pressões sociais, como por exemplo, a pressão para casar-se com alguém igualmente rico e/ou de maior poder aquisitivo que o seu. A trajetória das personagens era de amadurecimento até o casamento, ou seja, as personagens compreendem durante o desenrolar da obra o que sentem e até mesmo constroem uma relação de amor ao conhecer melhor o personagem com o qual irão se casar, após esse amadurecimento, temos personagens que sabem quem amam, e agora precisam “se casar para se tornarem adultas” (LOUZADA, 2015).

2.2 Marriage plot em *Orgulho e Preconceito* (1813)

A obra *Orgulho e Preconceito* foi e tem sido modelo para outras histórias na literatura, assim como adaptada e reescrita diversas vezes para o cinema, para a TV e para a literatura. Calcula-se que tenha cerca de 16 produções inspiradas e adaptadas de *Orgulho e Preconceito* (1813), sendo estas produções tanto fílmicas quanto literárias. No site *Internet Movie Database* - IMDb encontra-se que a primeira adaptação fílmica de *Orgulho e Preconceito* (1813) foi produzido para a TV pela BBC em 1938. Observa-se a partir disso, o quanto a estrutura de *marriage plot* proveniente da literatura vem sendo transportada e recriada para outros mídias. Um exemplo disso é *The Lizzie Bennet Diaries*, uma websérie adaptada de *Orgulho e Preconceito* e veiculada no site YouTube durante os anos de 2012 e 2013 através de um canal que leva o mesmo nome da websérie. Essa websérie foi adaptada para os dias de hoje, mas a trama se mantém, porém os personagens tomam formas diferentes, como por exemplo Kitty, que passou a ser a gata de Lydia Bennet e não mais sua irmã, ou até mesmo os bailes que na série foram transformados em idas a um bar. Vemos através disso que a estrutura de *marriage plot* vem se

desenvolvendo e sendo recriada por décadas e cada vez mais publicações são feitas utilizando esta estrutura.

A obra *Orgulho e Preconceito* foi adaptada para diversas mídias, como apresentado anteriormente, e até mesmo utilizada como base para outras obras literárias de ficção, como por exemplo *Morte em Pemberley* (2011) que se passa em 1803 pós-casamento de Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy e traz uma história contada após a união dos casais, quando os mesmos já estavam esbanjando felicidade e com dois filhos. Tal livro tem autoria de P.D James, e também foi adaptado pela BBC em uma minissérie dividida em três episódios, mas diferente da obra de Austen que apresenta a estrutura de *marriage plot* e é uma história romântica, P. D. James escreveu um romance policial repleto de mistério e suspense.

Entre as diversas obras inspiradas em *Orgulho e Preconceito* está *O diário de Bridget Jones* (2001), uma produção fílmica adaptada da obra homônima de Helen Fielding e dirigida por Sharon Maguire. O filme, lançado em 2001 reflete em sua trama o papel da mulher na sociedade moderna, relacionando o sexo feminino ao matrimônio. Tanto o filme *O diário de Bridget Jones* (2001) quanto o livro *Orgulho e Preconceito* (1813) apresentam personagens femininas que não fazem parte do padrão de mulher imposto pela sociedade de sua época correspondente. Apesar de a personagem Bridget Jones ser inspirada em Elizabeth Bennet, as personagens vivem em contextos e épocas diferentes. Em *O diário de Bridget Jones* (2001) a questão dos papéis de gênero associados às mulheres são tema do filme e é através de sua personagem principal que as críticas ao papel imposto às mulheres são trazidas. Assim como Elizabeth Bennet, a personagem principal de *Orgulho e Preconceito*, Bridget Jones, a protagonista de *O diário de Bridget Jones*, é retratada como uma mulher bem humorada e independente. Apesar da personagem viver em outro século ainda não está no padrão de comportamento esperado para as mulheres de sua época, voltando então para a questão da voz feminina como crítica ao padrão que lhe é imposto.

O *marriage plot* de Jane Austen apresenta, em *Orgulho e Preconceito*, o tipo de associação através do casamento predominante no século XIX, ou seja, o casamento arranjado. No entanto, Austen também apresenta em sua obra o amor

que se constrói no decorrer da história e o amor à primeira vista. No total foram quatro casamentos que apresentavam entre si diversas perspectivas. O primeiro casamento da obra é entre William Collins e Charlotte Lucas, um casamento por conveniência e mercado. Srta. Lucas já havia passado da idade em que mulheres geralmente se casavam, não tinha um dote alto e não era bonita e o Sr. Collins precisava de uma esposa devido a sua relação com a igreja e tinha condições financeiras razoáveis assim como “perspectivas de riqueza futura” (AUSTEN, 1813). Diante desses fatos era conveniente que ambos se casassem por razões econômicas e sociais, visto que o casamento era uma necessidade para que a Srta. Lucas e o Sr. Collins tivessem um futuro que fizesse parte dos padrões sociais da época em que viviam.

O segundo casamento além de fazer parte da série de casamentos com fins lucrativos representa a malícia de um homem que precisava de dinheiro e por isso manchou a reputação de uma mulher e conseqüentemente de sua família, sendo George Wickham e Lydia Bennet os personagens aqui descritos. Esse casamento trata do valor da mulher e como ela pode ter a imagem facilmente desonrada na época em questão, assim como retrata uma mulher que pouco se importa com as normas sociais. Através disso, podemos analisar a estrutura de *marriage plot* ao pensarmos que a Srta. Bennet teve seu final feliz ao casar-se com um homem que ela acreditava amar mesmo que ao final do livro sua aventura tenha lhe causado um casamento triste e sem afeição. Apesar de Lydia conservar “intacta a reputação que o casamento lhe havia assegurado” (AUSTEN, 1813), era uma mulher casada e isso importava muito. Podemos analisar através dos problemas que o ato de irresponsabilidade do Sr. Wickham e da Srta. Bennet trouxeram para a família foi importante para que Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy ficassem juntos.

O terceiro casamento retrata o amor à primeira vista através do romance entre Jane Bennet e Charles Bingley. É o primeiro romance citado pela autora na obra *Orgulho e Preconceito* e apresenta características do *marriage plot* até então conhecido no século XIX. Esse romance é apresentado desde o primeiro encontro, os amantes já demonstraram preferências um pelo outro no primeiro baile juntos, sofreram uma separação e enfrentaram tal barreira para ficarem juntos e terem o casamento como desfecho e final feliz. O quarto e último casamento da obra é entre

os personagens principais Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy. Lizzy e Darcy apresentam como barreira a si mesmos, ou seja, o orgulho e o preconceito permeia a relação, os afastando. No entanto, no desenrolar da história a Srta. Bennet e o Sr. Darcy “alcançam o mesmo ranque moral, e assim são compatíveis”¹⁰ (WEINSHEIMER, 1972), sendo esta uma característica de Austen na construção do desafio encontrado pelo par romântico dentro da estrutura de *marriage plot*.

O casamento desde muito antes do século XIX, século em que se passa a história, é tratado como um mercado, ou seja, os casamentos são baseados em interesses econômicos e donzelas são moedas de troca. Em *Orgulho e Preconceito* podemos ver através do discurso da Sra. Bennet que o casamento era um contrato que visava a ascensão econômica e para as mulheres uma garantia de um futuro melhor, não só para elas como também para suas famílias, visto que na história as Srtas. Bennet não eram donas de sua casa e estavam sujeitas a perderem tudo para o primo, Sr. Collins, caso o pai viesse a falecer. Através do diálogo entre Charlotte Lucas e Elizabeth Bennet podemos perceber que apesar de o casamento ser importante devido a necessidade da mulher daquele século se casar com alguém que pudesse trazer conforto para ela, Elizabeth ainda diz que casar com um marido rico não é o plano de sua irmã.

— Talvez acabe se a vir freqüentemente. Mas, embora Bingley e Jane se encontrem bastante freqüentemente, nunca estão muitas horas juntos. E, como sempre se vêem no meio de muitas outras pessoas, é impossível que estejam a cada momento conversando um com o outro. Jane, portanto, devia tirar o maior partido de cada meia hora em que pode dispor da atenção de Bingley. Quando tiver certeza do amor dele, haverá tempo bastante para se apaixonar tanto quanto ela o deseja.

— Seu plano é bom — replicou Elizabeth — quando está em jogo apenas o desejo de se casar bem; e, se eu estivesse decidida a arranjar um marido rico, ou um marido qualquer, seria este o plano

¹⁰ “Achieve the same moral rank, and thus are fit mate”.(WEINSHEIMER, 1972) - [tradução minha]

que adotaria. Mas estes não são os sentimentos de Jane; ela não está agindo por plano. (AUSTEN, 1813)

Srta. Lucas, na obra, é representante do casamento como mercado, visto que casou-se com o Sr. Collins por necessidade e pelo conforto que o casamento poderia trazer à ela. Sua personagem é também dona do discurso que casamentos são realizados em busca de ascensão social e também como necessidade da mulher. Já a Srta. Bennet traz em sua fala que se ela tivesse apenas o desejo de “casar-se bem” no sentido de casar-se com alguém que tenha condições financeiras ela buscaria um marido rico, deixando aberto a questão de que existe outros jeitos de casar-se, podendo o leitor induzir o amor aqui. Da mesma forma, mais adiante na conversa entre Charlotte Lucas e Elizabeth, Elizabeth diz que Jane “jantou com ele em companhia de outras pessoas quatro vezes. Não é bastante para formar juízo acerca do seu caráter.” (AUSTEN, 1813), considerando aqui mais uma vez que o casamento não está somente relacionado a fatores econômicos. Desta forma, é possível ver a crítica que Austen traz ao modelo de casamento da época que nada mais era do que “um contrato econômico estabelecido e acordado entre os homens envolvidos” (SANTOS, 2009).

Sendo assim, o casamento era um mercado que se baseava em obter algo em troca da união, por exemplo, ascensão social. A mulher nessa época era incumbida de tarefas consideradas mais domésticas e delicadas, “como música, bordado, cuidados com a casa e os filhos” (SANTOS, 2009). Consequentemente uma mulher que não atendia essa demanda não conseguiria um casamento vantajoso que pudesse ajudar a família e a ela mesma, pois uma mulher nesta época não poderia administrar seu próprio dinheiro por não ter o direito de possuir bens. Logo, na obra de Austen que traz cinco irmãs, ao menos uma deveria ter um casamento lucrativo e que beneficiasse sua família. Com um final feliz, Austen apresenta três tipos de casamento e o desfecho para as personagens. Por exemplo, Elizabeth e Jane Bennet que buscaram o amor no matrimônio também tiveram um casamento lucrativo, Charlotte Lucas é o exemplo de casamento típico da época que traz conforto e estabilidade financeira mas que certamente não tinha como base o

amor e por último, Lydia Bennet que mostra o tipo de casamento que moças da época não deveriam buscar.

3. MARRIAGE PLOT NO CINEMA E NO FILME *O DIÁRIO DE BRIDGET JONES*

Para analisar a relação entre o livro *Orgulho e Preconceito* e o filme *O diário de Bridget Jones* exploro aqui o conceito de adaptação, assim como, a adaptação das personagens e da estrutura de *marriage plot*.

3.1 De *Orgulho e Preconceito* ao filme *O diário de Bridget Jones*

O filme *O diário de Bridget Jones* se passa no final dos anos 90 e sua história é contada por sua protagonista Bridget Jones. Bridget é uma mulher de 32 anos que enfrenta os dilemas que a sociedade patriarcal insere no cotidiano das mulheres, como a busca do peso ideal para encaixar-se nos padrões de tal sociedade, a carreira de sucesso, a pressão social para casar-se o quanto antes devido ao relógio biológico. Como dito antes, o filme tem seu pontapé inicial quando Bridget decide escrever um diário para contar sobre seu ano e suas novas resoluções para o novo ano, entre essas resoluções está a luta contra a balança e a busca por um amor. No decorrer da história vamos conhecendo a personagem Bridget Jones por suas trapalhadas e seu anseio por amor. Na história ela precisa resolver seu coração com dois homens: Daniel Cleaver, seu chefe, e Mark Darcy, um advogado de sucesso, recém divorciado apresentado à ela por sua mãe na festa de ano novo. A princípio Darcy não é um concorrente ao coração de Bridget, mas seu chefe, Daniel Cleaver, um homem apresentável e por quem a protagonista tem uma paixão é o primeiro com quem ela se envolve no filme. Envolvida com Daniel Cleaver Bridget descobre que ele está saindo com outra mulher e decide mudar de emprego e também volta à suas resoluções de ano novo. Em seu novo emprego como jornalista Mark Darcy tem a chance de dar um passo na conquista do coração de Bridget Jones quando permite que ela entreviste um de seus clientes que acabara de sair de um julgamento e fora orientado a não dar nenhuma entrevista. A entrevista em questão organizada por Mark Darcy, por sua vez, alavancou a carreira de Bridget como jornalista. Entre idas e vindas, inclusive uma briga entre Mark e Daniel, Bridget descobre seu amor por Mark e se declara para ele porém ele está noivo de Natasha

e está se mudando para Nova Iorque. Embora pareça o fim para os dois em uma cena em que Bridget está prestes a viajar com seus amigos Darcy reaparece, ele desiste de ficar em Nova Iorque e também desiste de casar-se com Natasha, declara seu amor a Bridget e o filme se encerra com os dois juntos.

Uma vez que o filme *O diário de Bridget Jones* é uma adaptação livre da obra *Orgulho e Preconceito* passada neste século, salienta-se o papel da adaptação não como reprodução, mas como recontextualização de uma obra. De acordo com Linda Hutcheon (2006) a adaptação relata as histórias de forma diferente, e ela acredita que os escritores de adaptações “atualizam ou concretizam ideias; fazem seleções simplificadoras; mas também amplificam e extrapolam; fazem analogias; criticam ou mostram seu respeito e assim por diante”¹¹ (HUTCHEON, 2006). As adaptações ganham cada vez mais força nos dias de hoje mas ainda se tem uma barreira a ser enfrentada que é compreender essas histórias como um outro produto, assim como produtos culturais da época em que foram produzidas. Tais histórias, são adaptadas porque “são tiradas de outro lugar, não recém inventadas. Como paródias, as adaptações têm uma relação clara e definida com os textos anteriores, geralmente revelando suas fontes”.¹² (HUTCHEON, 2006). Apesar de adaptações terem bastante ligação com o texto fonte as mesmas estão conectadas também com o contexto sócio-histórico de sua época, o texto adaptado passa a ter características do adaptador, do meio em que o adaptador vive e também da sociedade em que o novo texto e seu adaptador estão inseridos.

Em *O diário de Bridget Jones* temos a obra *Orgulho e Preconceito* através de um viés atualizado, como exemplo temos as personagens Elizabeth e Bridget, são mulheres que representam uma classe da época em que estão inseridas e se observarmos atentamente apresentam personalidades semelhantes. Temos como exemplo também o sobrenome Darcy como um dos personagens mais famosos da autora Jane Austen e também o nome mais marcante do livro *Orgulho e*

¹¹ “actualize or concretize ideas; they make simplifying selections, but also amplify and extrapolate; they make analogies; they critique or show their respect, and so on.” (HUTCHEON, 2006) [tradução minha]

¹² “are taken from elsewhere, not invented anew. Like parodies, adaptations have an overt and defining relationship to prior texts, usually revealingly called “sources.” (HUTCHEON, 2006) [tradução minha]

Preconceito. Dado os exemplos, é possível afirmar que o ato de adaptar uma obra/texto não inclui a fidelidade ao texto fonte, ainda que se tenha na adaptação características do texto fonte, ele ainda irá carregar consigo suas novas percepções e características. Os estudos de adaptação questionam o fato da fidelidade ser um critério de avaliação de grandes adaptações. “Adaptação é repetição, mas repetição não é réplica/cópia”¹³ (HUTCHEON, 2006), ou seja, adaptar não é fazer igual. Ao adaptar, o adaptador traduz o contexto sócio-histórico no qual está inserido, suas crenças e ideologias, seu modo de ver o mundo.

3.2 Adaptando as personagens

O diário de Bridget Jones é uma adaptação de *Orgulho e Preconceito*, e logo quando pensamos em adaptação pensamos o que a obra fonte e a obra adaptada têm em comum. As semelhanças e fatores que foram transpostos da obra fonte para a produção fílmica começam com o nome de um dos personagens favoritos de Jane Austen, Sr. Darcy, mas as semelhanças não acabam por aí. Logo na primeira cena do filme temos Elizabeth na personagem de Bridget Jones ouvindo Mark falar para a mãe “Mãe, eu não preciso de um encontro às cegas. Particularmente com uma solteirona com incontinência verbal que fuma feito chaminé, bebe como um peixe e se veste como a mãe”¹⁴ (O DIÁRIO..., 2001) é equivalente no livro quando Elizabeth ouve Sr. Darcy falando para seu amigo Sr. Bingley sobre Elizabeth e ela escuta a conversa.

— Qual? — perguntou ele, voltando-se e detendo um momento a vista em Elizabeth até que, encontrando-lhe os olhos, desviou os seus e disse, friamente:

— É tolerável, mas não tem beleza suficiente para tentar-me. Não estou disposto agora a dar atenção a moças que são desprezadas pelos outros homens. É melhor você voltar ao seu par e se deliciar

¹³ “Adaptation is repetition, but repetition without replication.” (HUTCHEON, 2006) [tradução minha]

¹⁴ “Mother, I do not need a blind date. Particularly not with some verbally incontinent spinster who smokes like a chimney, drinks like a fish and dresses like her mother.”(O DIÁRIO..., 2001) [tradução minha]

com os sorrisos dela, pois está perdendo tempo comigo. (AUSTEN, 1813)

Em ambos os excertos vemos a objetificação da mulher. Esses duas personagens não faziam parte do padrão da sociedade e isso evidencia o quanto torna difícil uma mulher atender os padrões, sejam eles de beleza ou modos de portar-se em sociedade.

Assistir *O diário de Bridget Jones* (2001) permite que visualizemos uma nova leitura de *Orgulho e Preconceito* (1813). Ao dizer isso levo em conta o tempo entre uma produção e outra, visto que personagens, dilemas e cenários passaram por modificações os tornando mais contemporâneos. Um exemplo dessa transformação contemporânea são os escolhidos por Elizabeth em *Orgulho e Preconceito*, o primeiro favorito de Elizabeth é o Sr. Wickham, e o segundo, com o qual ela se casa, é o Sr. Darcy, quando tais personagens foram retratados na adaptação *O diário de Bridget Jones* temos o contexto histórico em ação. O primeiro favorito de Bridget Jones foi Daniel Cleaver, seu chefe pelo qual ela sente atração, e o segundo favorito e o qual ela fica junto ao final do filme, Mark Darcy, advogado de sucesso recém divorciado apresentado a Bridget por sua mãe. O personagem Daniel Cleaver é uma adaptação do personagem George Wickham, sua façanha em *O diário de Bridget Jones* é mentir para Bridget sobre seu passado com Darcy se passando de bom moço e colocando Darcy como a pessoa que o passou para trás, assim como Wickham fez com Elizabeth em *Orgulho e Preconceito*. Foi em uma conversa com Bridget que Daniel a contou como conheceu Darcy e também que, de acordo com ele “muitos anos depois eu cometi o erro catastrófico de apresentá-lo para minha noiva e, hum. Eu não posso dizer, com toda a honestidade, que o perdoei” (O DIÁRIO..., 2001)¹⁵. Nesta cena Daniel conta a Bridget uma mentira, visto que no decorrer do filme Bridget descobre que quem realmente foi traído pelo amigo foi Darcy. Já em *Orgulho e Preconceito*, Wickham contou a Elizabeth que:

¹⁵ “many years later I the somewhat catastrophic mistake of introducing him to my fiancée and, uh. I couldn’t say, in all honesty I’ve ever quite forgiven him” - (O DIÁRIO..., 2001) [tradução minha]

Não estamos em termos muito amigáveis; é-me desagradável encontrá-lo, mas não tenho outros motivos para evitá-lo, senão aqueles que não me pejo de proclamar diante de todo o mundo: a consciência de ter sido tratado injustamente por ele e a pena que me causa o seu feitio desagradável. O pai dele, Miss Bennet, o falecido Mr. Darcy, foi um dos melhores homens que já pisaram sobre a terra, e o melhor amigo que jamais tive; e nunca me encontro com o atual Mr. Darcy sem me sentir ferido por mil lembranças tristes. A sua conduta para comigo foi sempre escandalosa, mas creio realmente que lhe perdoaria tudo, contanto que ele não desmerecesse a memória do pai. (AUSTEN, 1813)

Nesta conversa com Elizabeth, Wickham acusa Darcy de ter sido injusto com ele, porém a verdade só é revelada no decorrer da obra. No quesito adaptação conseguimos visualizar nestas cenas e também nestes dois personagens uma das formas de transportar um contexto histórico para outro. Cria-se personagens com personalidade e caráter semelhantes e em situações que quando visualizados do ponto de vista de seus contextos históricos nota-se a nova construção do texto adaptado. Já ao comparar tais cenas e personagens sem os inserir no contexto sócio-histórico em que foram escritos e também sem pensar que adaptação não é replicação seriam percebidos como textos extremamente diferentes. Em *O diário de Bridget Jones* podemos relacionar diversas vezes o texto fonte com o texto adaptado, temos personagens oriundos de *Orgulho e Preconceito* com profissões, discursos e dilemas, além de cenários de interação social que se encaixam na sociedade atual. Através disso, reafirmamos que o ato de adaptar não inclui necessariamente copiar e fazer igual, e sim inspirar-se e criar um novo texto que terá outro significado e sentido.

As semelhanças entre as produções não acabaram ainda, Sr Darcy em *Orgulho e Preconceito* ao se declarar para Elizabeth utiliza palavras demais e acaba colocando seu orgulho a frente de tudo que diz à ela ao pedí-la em casamento.

Falou bem, mas através das suas palavras outros sentimentos, além dos do coração, podiam ser percebidos. E ele não falava com mais

eloquência da sua ternura do que do seu orgulho. O sentimento da inferioridade de Elizabeth, do rebaixamento que aquele amor constituía, os obstáculos de família que a razão sempre opusera à inclinação, foram descritos com um ardor que parecia devido ao seu. (AUSTEN, 1813)

Quando Sr. Darcy declarou seu amor a Elizabeth deixou claro a ela o quanto ele relutou a este amor, assim como, de como era difícil para ele casar-se com alguém inferior. Diante desta declaração que tinha um misto de orgulho e amor, Elizabeth negou o pedido de casamento. Já em *O diário de Bridget Jones* Darcy também utiliza palavras demais para se declarar à Bridget:

Darcy: Me desculpe se fui...

Bridget: O que?

Darcy: Eu não acho que você é idiota. Eu sei, há elementos ridículos sobre você. Sua mãe é muito interessante e você é uma péssima oradora em público e tende a deixar sair da sua boca tudo que vem a sua mente sem muito considerar as consequências. Percebi que quando a conheci no jantar de peru ao curry eu fui imperdoavelmente rude e usava aquele suéter de rena que minha mãe havia me dado um dia antes. Mas a questão é, hum, o que eu estou tentando dizer, de forma totalmente desarticulada, é que, hum, na verdade, talvez, apesar das aparências eu gosto muito de você. (O DIÁRIO..., 2001)¹⁶

¹⁶ "Darcy: I'm sorry if I've been..."

Bridget: What?

Darcy: I don't think you're an idiot at all. I know, there are elements of the ridiculous about you. Your mother is pretty interesting and you really are an appallingly bad public speaker and you tend to let whatever's in your head come out of your mouth without much consideration of the consequences. I realized that when I met you at the turkey curry buffet that I was unforgivably rude and wearing a reindeer jumper that my mother had given me the day before. But the thing is, un, what I'm trying to say very inarticulately is, that, un, in fact, perhaps, despite the appearances I like you very much." - (O DIÁRIO..., 2001) [tradução minha]

Em épocas diferentes, é claro que não haveria um pedido de casamento como ocorre em *Orgulho e Preconceito*, mas há uma declaração de sentimento que envolve certa relutância de ambos os Darcys. Inclusive as razões para os desgostos e gostos são totalmente diferentes quando adaptada à personagem Bridget Jones, visto que sua personagem fonte é Elizabeth, uma jovem que fala muito bem e com tamanha segurança que surpreende e desafia a sociedade pelo simples fato de ser inviável uma mulher da época de Elizabeth ter direito a expressar-se assim como ela se expressa. Essas características diferentes ressaltam a questão do ato de fazer uma adaptação não é copiar, trata-se de utilizar do texto fonte para criar uma nova história.

3.3 Adaptando *marriage plot*

O livro *Orgulho e Preconceito* apresenta a estrutura literária de *marriage plot* e o filme *O diário de Bridget Jones* se insere no gênero comédia romântica. Sendo assim, podemos pensar a obra de Jane Austen como uma comédia, que de acordo com Zardini (2013), é uma comédia de costume, visto que:

Austen toma como base suas impressões da época em que viveu e a questão da posição da mulher na sociedade, conduz o leitor a uma análise de seu tempo através de finas ironias e humor até mesmo sarcástico. Vivien Jones (1997: 50), caracteriza os romances de Austen como: "...comédias românticas. Ou seja, elas são estórias de amor com finais felizes". (ZARDINI, 2013)

Sendo *Orgulho e Preconceito* uma obra de Austen e também uma obra que apresenta a estrutura de *marriage plot* tratamos suas adaptações aqui como uma comédia romântica, visto que as obras que apresentam a estrutura de *marriage plot* têm suas características semelhantes às características da comédia romântica. Tais características podemos perceber ao analisar *O diário de Bridget Jones* e seu texto fonte *Orgulho e Preconceito*. Em ambos os textos temos os desafios a serem enfrentados pelos pares românticos, assim como as idas e vindas dos mesmos e até os obstáculos e transformações que esses pares têm que passar para que

consigam, ao final da obra ou do filme, ficar juntos. A trama do filme *O diário de Bridget Jones* apresenta idas e vindas como a maioria do seu gênero cinematográfico, comédia romântica, e de seu equivalente na literatura, *marriage plot*.

Olhando então para o filme *O diário de Bridget Jones*, podemos identificar características provenientes da estrutura de *marriage plot* dentro do gênero comédia romântica, tais como: preconceito pessoal e pretendentes errados. Quando a estrutura de *marriage plot* de *Orgulho e Preconceito* foi transportada para o gênero comédia romântica em *O diário de Bridget Jones* os personagens Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy foram adaptados em Bridget Jones e Mark Darcy, o relacionamento entre esses pares enfrentou desafios semelhantes. O primeiro desafio enfrentado por Elizabeth e Sr. Darcy foi o preconceito pessoal, que de acordo com Langendries (2015) é um dos desafios comuns presentes nas obras de *marriage plot*. Na adaptação *O diário de Bridget Jones*, Bridget e Darcy enfrentaram primeiramente o mesmo desafio. Em *Orgulho e Preconceito* Sr. Darcy foi julgado por todos durante o baile, assim como, julgou a todos e especificamente Elizabeth. Já em *O Diário de Bridget Jones* Bridget julgou Darcy pelo sua roupa e Darcy a julgou por fumar, beber, falar demais e ser solteira.

Mais um desafio comum apresentado por Langendries (2015) é a questão de pretendentes errados, tal desafio é enfrentado por Elizabeth e Sr. Darcy e Bridget e Darcy, no caso de Elizabeth foi sua admiração por Wickham:

E afinal os cavalheiros se aproximaram, e quando Mr. Wickham entrou na sala Elizabeth sentiu que a admiração que desde o primeiro momento sentira por ele não era de modo algum exagerada.
(AUSTEN, 1813)

Elizabeth tinha uma imagem distorcida do verdadeiro caráter de Wickham, que além conquistou confiança dela e de todos da cidade com suas mentiras. Após, houve a descoberta de quem ele realmente era, logo ele e Lydia fugiram e com o recebimento de um bom dinheiro ele aceitou casar-se com Lydia. Elizabeth encantada com a postura de Wickham e também enfeitiçada com suas mentiras só

conseguia enxergar do caráter do Sr. Darcy seu orgulho e o mal que causou ao seu preferido. Já em *O diário de Bridget Jones* temos Bridget saindo com Daniel Cleaver, seu chefe que também não tem intenção alguma de entrar em um relacionamento sério com Bridget, assim como a conquistou demonstrando uma parte dele que não era tão sincera e manchou um pouco mais do caráter de Darcy com suas mentiras a respeito dele. E claro, não podemos nos esquecer de que Darcy ficou noivo de Natasha, sua companheira de trabalho. Foi assim, com pretendentes errados, que mais uma característica da estrutura de *marriage plot* passou para a comédia romântica. Diante do apresentado, vemos características da estrutura de *marriage plot* também presentes em comédias românticas, visto que, não só em *O diário de Bridget Jones*, mas em comédias românticas em geral, as histórias sempre se desenrolam através do desentendimento entre os protagonistas, assim como as idas e vindas do amor entre eles até que fiquem juntos.

A estrutura de *marriage plot* traz consigo o casamento como final feliz. Através das personagens principais de cada produção aqui analisada temos diferentes perspectivas do casamento e todas culminam da pressão que se tem para que as mulheres se casem cedo. Essa pressão de casar-se cedo vem da nossa sociedade que tem valores historicamente patriarcais, relacionando então o papel da mulher ao lar e ao cuidado dos filhos e família. Entende-se patriarcado aqui como definido por bell hooks (2010): “um sistema político social que insiste que homens inerentemente dominantes”¹⁷ (hooks, 2010)¹⁸. Devido às pressões sociais e padrões de gênero discutirei no próximo capítulo a estrutura de *marriage plot* na perspectiva feminista através da análise dos discursos das personagens de *Orgulho e Preconceito* e *O diário de Bridget Jones*.

O filme *O diário de Bridget Jones* é um exemplo claro da função de adaptar um texto sem o pensamento de adaptação como cópia. Vemos na obra adaptada a recontextualização dos personagens e da estrutura de *marriage plot* proveniente da obra fonte.

¹⁷ “a political-social system that insists that males are inherently dominating” (hooks, 2010) [tradução minha]

¹⁸ O nome está em letras minúsculas como a autora prefere, sendo esta uma escolha política dela.

4. O CONCEITO DE *MARRIAGE PLOT* NA PERSPECTIVA FEMINISTA

A estrutura de *marriage plot* tem como característica principal a união do casal apaixonado ao final da obra. Tal estrutura apresenta personagens que enfrentam diversos desafios durante a obra, estes desafios acabam quando os personagens passam a ficar juntos. *Orgulho e Preconceito* e *O diário de Bridget Jones* apresentam personagens que têm seus destinos e escolhas moldadas por esta estrutura, ou seja, estas personagens precisam de um par para encaixar-se no modelo da estrutura de *marriage plot*. A estrutura de *marriage plot*, apesar de ficcional, reflete as ideias que permeiam e baseiam a sociedade fora dos livros, ou seja, quando Austen escreveu *Orgulho e Preconceito* já havia o ideal de que casamento era o que se esperava de todos.

É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa. (AUSTEN, 1813).

Era o que a sociedade esperava de todos, independente de ser homem ou mulher, o que diferenciava entre homens e mulheres eram as razões pelas quais os mesmos deveriam casar-se. O homem necessitava de uma esposa para fazer o papel de cuidadora do lar, da família e dele mesmo e a mulher necessitava de alguém para protegê-la e mantê-la financeiramente.

Já em *O diário de Bridget Jones* o casamento é mostrado como algo almejado e focado na mulher.

Tudo começou no dia de Ano Novo, no meu 32º ano de solteira. Mais uma vez eu estava sozinha indo ao jantar anual de peru ao curry da minha mãe. Todo ano ela tenta me arrumar um cabeludo chato de meia idade e eu sinto que este ano não será exceção¹⁹. (O DIÁRIO..., 2001)

¹⁹ "It all began on New Year's Day in my thirty-second year of being single. Once again I found myself on my own and going to my mother's annual turkey curry buffet. Every year she tries to fix me up with some bushy-haired, middle-age bore and I feared this year would be no exception". (O DIÁRIO..., 2001) [tradução minha]

A partir desta citação, podemos analisar a pressão sofrida nos dias de hoje para que a mulher se case. O desconforto de Bridget Jones, a personagem que diz tal frase, é evidente não somente pela falta de empolgação que ela tem ao proferir tal discurso como também pela maneira pela qual ela se refere e descreve o suposto homem que lhe será apresentado pela mãe. A pressão de não estar casada sofrida por Bridget Jones faz com que no seu dia-a-dia ela busque encaixar-se nos padrões que a sociedade impõe às mulheres. É através de sua luta constante com a balança que vemos o quanto a necessidade de casar-se influencia suas relações sociais e sua autoestima. Faz-se presente no filme a ideia de que não se é feliz sozinho, ou seja, a personagem Bridget Jones, que é uma mulher solteira, é tratada como incompleta, ou como a moça que ninguém quis.

Na época em que Austen escreveu *Orgulho e Preconceito*, o casamento era uma necessidade para homens e mulheres, como já mencionado. No entanto, tal necessidade se dava por razões distintas. Vejamos então, o primeiro casamento da obra é o exemplo de casamento por sobrevivência da mulher e também por necessidade religiosa do homem. Charlotte Lucas e William Collins casaram-se pela pressão social, porém as razões pela qual Charlotte se submeteu a um casamento sem amor foi de que mulheres não possuíam o direito de exercer uma profissão e ter bens em seus nomes. Quando essas mulheres não dispunham de alguém da família que pudesse sustentá-las até o fim de suas vidas as mesmas teriam somente a opção de trabalhar como governantas, “apesar de a atividade de escritora ser uma das maneiras comuns de uma mulher solteira se sustentar” (AGOSTINHO, 2006) ainda não era bem vista na sociedade. Já o Sr. Collins necessitava de uma esposa devido à suas relações com a igreja, sendo ele um clérigo deveria constituir uma família para que representasse um exemplo a ser seguido pela sociedade.

Nesta sociedade, especialmente a escolha do casamento para as mulheres era uma questão crucial, porque o homem era visto como um detentor do poder. Assim, a mulher seria totalmente dependente dele, a sociedade era vista como patriarcal. A unidade familiar foi considerada através de uma vida moral, religiosa e econômica; e

foram governados pelos paterfamilias, em que a autoridade era o pai (NASCIMENTO, 2012).

Este casamento representa o casamento da sociedade da época, onde mulheres deveriam se submeter a casamentos vantajosos financeiramente pois era a opção que tinham para possuírem casa, comida e homem.

O casamento por interesse é censurado por Jane Austen, a autora coloca na sua obra motivos para os leitores visualizarem o casamento por amor muito mais vantajoso que o casamento por ascensão social. Tal censura é possível ser percebida quando Elizabeth nega o pedido de casamento de seu primo Sr Collins, pedido este negado por Elizabeth não amar seu primo. Vemos que Austen constrói uma personagem feminina capaz de negar um pedido de casamento adequado socialmente (NASCIMENTO, 2012) fato que levaria Elizabeth Bennet a ser dona de sua atual moradia, ou seja, esta personagem apresenta um comportamento transgressor ao recusar um casamento que era o almejado pela sociedade e esta recusa ao casar-se por ascensão social mostra a rejeição da autora aos padrões da época. Esta censura ao casamento entre Charlotte e Collins é visualizada também através da fala de Charlotte ao contar para Elizabeth que irá se casar com o Sr. Collins diz:

— Eu sei o que você está sentindo — replicou Charlotte. — Você está admirada porque Mr. Collins há tão pouco tempo ainda desejava se casar com você. Mas quando você tiver tempo de pensar sobre o assunto, espero que aprove a minha decisão. Bem sabe que não sou romântica. Nunca fui. Desejo apenas um lar confortável. E, considerando o caráter de Mr. Collins, as suas relações e a sua situação na vida, estou convencida de que tenho as mesmas possibilidades de ser feliz no casamento que a maioria das outras mulheres.

Elizabeth respondeu calmamente: — Sem dúvida. (AUSTEN, 1813)

À Charlotte não restavam outras opções, não era dotada de grande fortuna, tampouco de beleza, sua idade estava avançada e as chances de casar-se eram

mínimas (AUSTEN, 1813). Neste trecho Charlotte se mostra consciente de sua escolha, através do diálogo observa-se que o fato de ter aceitado casar-se com William Collins está ligado à condição como mulher da época em que vivia. Pensando então que Charlotte busca um lar confortável, sendo essa sua justificativa para aceitar casar-se com Collins, a mesma conseguiria tê-lo se houvesse naquela época, para as mulheres, a possibilidade de ter uma profissão, de se possuir bens e ser administradora do próprio dinheiro. Em um contexto social em que o patriarcado não dominasse poderíamos dizer que a personagem teria oportunidade de ascensão social e conforto na vida sem depender de um casamento e/ou de um homem.

Os padrões de mulher apresentados em *Orgulho e Preconceito* e em *O diário de Bridget Jones* abordam diferentes questões. “Enquanto as características da “mulher perfeita” no romance estão atreladas aos modos de se portar, a mulher ideal em *Bridget Jones* também existe, mas de outro modo: na aparência física” (COSTA, 2014). A divergência entre as características de mulher ideal estão ligadas ao fato de que as mulheres da época de Austen eram educadas para serem esposas, estas esposas devem entender de costura, música, desenho, leitura e línguas modernas, ter boa postura e saber administrar o lar (AUSTEN, 1813). O retrato fiel de Austen da sociedade em que vivia nos permite conhecer o ideal de mulher da época em que a obra foi escrita. Esse padrão imposto pela sociedade dizia se a mulher era apta ou não para a função de esposa, visto que cabia à mulher:

receber os convidados – qualidade traduzida em saber cantar e tocar algum instrumento, por exemplo, a fim de entreter as visitas –, ter boas maneiras – o que Darcy traduz como a forma de andar ou o tom de voz usado ao falar –, entre outras características que a colocavam em uma posição idealizada. (COSTA, 2014)

Esta posição idealizada pela sociedade fazia com que mulheres se esforçassem para alcançar um padrão dificilmente alcançável.

Em *O diário de Bridget Jones* a protagonista busca perder peso pois estar magra é um ideal criado pela sociedade em que ela está inserida. Esses padrões impostos e criados pela sociedade perseguem mulheres por séculos e é através de

Bridget que podemos ver o quanto isso interfere na maneira como a personagem se relaciona com as pessoas no seu entorno e com seu próprio corpo. Sua relação com seu corpo se mostra conflituosa devido à exigência de um padrão que agrada à sociedade e não a si mesmo, em seu diário, Bridget anota seu peso e é através de seu peso que ela controla se está devidamente desejável, ou seja, magra como uma modelo. Os padrões de beleza estão inseridos em nosso cotidiano diariamente e nossos olhos não estão acostumados a criticar a falta de representatividade de mulheres gordas, mulheres que não andam sempre maquiadas, mulheres que não frequentam salão de beleza e até mesmo academias. Temos uma mídia que reforça os padrões de beleza e que por vezes ignora a diversidade. Esta mídia está presente desde que nascemos e nos faz crescer com a ideia de que bonitas são somente aquelas mulheres que vemos nas revistas e afins, eis que fica aquela ideia: você não é bonita até que seja como elas.

Em ambas as obras aqui analisadas podemos ver críticas aos ideais de mulheres impostos pela sociedade no contexto das respectivas obras. Em *Orgulho e Preconceito* além da figura de Elizabeth Bennet como questionadora dos padrões temos sua irmã, Lydia Bennet, que apesar de não os questionar abertamente aparenta não dar a mínima para eles visto que suas atitudes durante a obra são totalmente o oposto do que a sociedade espera de uma mulher. Elizabeth de uma maneira mais clara questiona a sociedade em que vive e os padrões que esta impõe às mulheres, foi em uma conversa longa que Elizabeth deixou claro a sua indignação de cobrarem tanto das mulheres.

[...] A palavra "prendada" é aplicada a muitas moças somente porque sabem tricotar uma bolsa ou forrar um biombo. [...]. Apesar do grande número das minhas relações, não posso gabar-me de conhecer mais de meia dúzia de moças realmente prendadas.

[...]

— Nesse caso — observou Elizabeth — deve exigir muitas qualidades para o seu ideal de mulher perfeita.

— De fato, exijo muitas qualidades.

[...] Uma mulher deve conhecer bem a música, deve saber cantar, desenhar, dançar e falar as línguas modernas, a fim de merecer esse

qualificativo, e além disso, para não o merecer senão pela metade, é preciso que possua um certo quê na maneira de andar, no tom da voz e no modo de exprimir-se.

— Sim, deve possuir tudo isso — acrescentou Darcy. — E acrescentar ainda alguma coisa mais substancial: o desenvolvimento do espírito pela leitura intensa.

— Já não me espanto de que conheça apenas seis mulheres completas, espanto-me é de que conheça alguma.

— Julga com tanta severidade o seu sexo, que duvida da possibilidade de tudo isto?

— Eu nunca vi uma mulher assim. Nunca vi tanta capacidade de aplicação, gosto e elegância reunidas numa só pessoa. (AUSTEN, 1813)

Nesta citação pode-se notar o quanto Elizabeth não concorda com tamanha cobrança de uma única mulher. A personagem, ao contrário do que pensa Srta. Bingley, não tem intenção nenhuma de julgar com severidade seu sexo e sim mostra-se descrente que seja possível ou até mesmo necessário que uma mulher apresente tais características. Ao mostrar sua opinião e discordar tão calmamente das pessoas com quem conversa, Elizabeth já se coloca como uma mulher fora do padrão. Afinal, não faz parte do padrão ser tão segura de suas opiniões e apresentá-las independente de todos concordarem ou não. Podemos observar também que o discurso de Elizabeth não busca agradar a ninguém, diferente de Caroline Bingley que, apesar de não ser uma dessas mulheres, cobra que outras sejam e apresenta as características com a intenção de agradar ao Sr. Darcy.

Já na personagem de Lydia Bennet podemos perceber claramente a sua indiferença aos padrões impostos às mulheres, sua personagem exerce livremente o seu direito de ser quem ela deseja, através de sua imprudência ao fugir com George Wickham com quem é obrigada a se casar. Lydia tinha consciência do que se era imposto às mulheres e sabe que sua fuga com Wickham “pode ser considerada uma mancha na reputação dos Bennet e algo prejudicial para o casamento das outras irmãs da família” (COSTA, 2014). Porém devido ao fato de ser mais uma das

personagens de Austen que podem ser visualizadas como crítica, não demonstra nenhum arrependimento de sua conduta.

Já em *O diário de Bridget Jones*, a personagem Bridget Jones apresenta comportamentos considerados masculinos visto que ela bebe e fuma muito, fala palavrões, tem relações sexuais casualmente, apesar de ser também uma personagem que está tentando encaixar-se nos padrões que a sociedade impõe às mulheres. A protagonista também age com sarcasmo nos episódios constrangedores que enfrenta, por exemplo, em um jantar que Bridget foi convidada e era a única que não estava acompanhada, todos os outros estavam em casal. Quando questionada sobre sua vida amorosa e também sobre ainda não ser mãe Bridget responde “Hum, me diga, é um a cada quatro casamentos que termina em divórcio ou um a cada três?” (O DIÁRIO..., 2001)²⁰. Apesar de sentir-se pressionada quando questionada sobre não estar casada Bridget ainda acha um espaço para mostrar uma razão pela qual poderia não almejar casar-se com tanta pressa. A sociedade, como mostrado nesta cena de *O diário de Bridget Jones*, cobra que estejamos casadas e sejamos mães, assim como vemos a luta constante de Bridget para atingir também os padrões de beleza e ter um bom emprego, afinal, a mulher ideal

[...] deve adquirir sua independência financeira, sem, contudo negligenciar suas atribuições fundamentais de administradora do lar. Ela não deve ser uma simples dona de casa, mas não pode, contudo, renunciar totalmente à família.

A multiplicidade de tarefas incumbidas à mulher acarreta o aumento de casos de estresse entre as mulheres, pois ensinadas desde os primórdios a serem boas esposas e mães e a esperarem pelo “príncipe encantado”. (GARCIA; PONTES, 2015)

Diante disso, vemos a necessidade de quebrar esse padrão e entendermos que não ser mãe, não fazer parte do padrão de beleza, não se casar cedo entre outras

²⁰ “Uh, tell me, is it one in four marriages that ends in divorce now or one in three?” (O DIÁRIO..., 2001)

cobranças feitas pela sociedade não te faz menos mulher. Escolher o caminho que quer seguir deve partir de si mesma e não do que a sociedade espera e cobra.

Através dessas duas obras pudemos perceber o quanto o papel da mulher ainda é secundário na sociedade em que vivemos. Este papel secundário não se deve pela ausência de mulheres que fizeram história e sim do espaço que nossa sociedade dá para que o trabalho dessas mulheres seja tão triunfal quando o dos homens. Além disso, existe um espaço que permitido para mulheres porém são aqueles lugares que se você como mulher não estiver te fazem acreditar que talvez você seja o problema. Estas tarefas socialmente criadas para mulheres estão sempre relacionadas ao casamento, cuidado do lar e a necessidade de arrumar-se para os outros e não para si mesma. Encaixar-se nestes padrões é uma obrigação social muito inculcada em toda nossa criação social enquanto mulheres. A família pode não criar dessa maneira, mas a mídia se encarrega de cobrar, se não a mídia o colégio ou até mesmo aquela amiga próxima que foi criada dentro deste padrão, ou seja, a sociedade irá cobrar e através de toda esta cobrança se faz necessário haver material acessível para que se possa defender o direito à escolha e também o direito de se ser quem realmente é ou se quer ser.

CONCLUSÃO

Quando se trata do casamento como instituição fortemente inculcada como um destino feminino, percebe-se que o século XIX, retratado em *Orgulho e Preconceito*, e o século XXI, mostrado em *O diário de Bridget Jones*, não são tão diferentes. Da mesma forma, a casa e filhos ainda são profundamente associados ao papel feminino e, conseqüentemente, ao casamento. Apesar de *Orgulho e Preconceito* e *O diário de Bridget Jones* (2001) terem uma diferença de cerca de dois séculos entre suas publicações, ainda é gritante a pressão existente para que mulheres se casem cedo. Vimos através da comparação e análise das obras a maneira como o sistema patriarcal está enraizado em nossa sociedade, e a forma como a mulher é objetificada: seu corpo tem que atender aos padrões sociais, assim como suas escolhas devem estar baseadas no lar, ou seja, devem colocar o casamento e a maternidade como prioridade.

Estas obras, através de suas personagens transgressoras, criticam e ironizam de diferentes maneiras os padrões impostos pela sociedade. Temos em ambas as obras personagens que, de diferentes maneiras, saíram do padrão. O comportamento de Elizabeth Bennet em sua época lhe traria muito mais problemas do que realmente Austen discute/explora em *Orgulho e Preconceito*. Certamente, uma mulher daquela época, não ficaria impune ao não obedecer as ordens de seu pai e seguir os padrões da sociedade, assim como seria fortemente julgada por seu caráter independente e sua opinião crítica sobre o mundo. Em *O diário de Bridget Jones*, que explora a realidade das mulheres de classe média do século XXI, a pressão sofrida pela protagonista, Bridget, mostra, apesar de tudo, uma mulher que consegue vencer as adversidades e recuperar a autoestima. Isso, no entanto, difere do que geralmente acontece na vida real, em que tais adversidades sofridas pelo gênero feminino culminam no efeito contrário, em que uma mulher que fala o que pensa como Elizabeth seria julgada e uma mulher como Bridget dificilmente superaria a perda de sua auto estima em um ano.

Essas personagens nos permitem visualizar a importância de haver mulheres que quebram os paradigmas de suas respectivas épocas. Através de seus comportamentos refletem as pressões sociais sofridas pelas mulheres e ao quebrar os paradigmas de suas épocas apresentam um final de superação. Assim, tem-se

aqui a importância da ficção como força transformadora na sociedade adquirindo ela o papel de inspirar quem sofre com as mesmas situações. Neste sentido, vejo a temática do presente trabalho como uma chave para debates sobre patriarcado e a força que esse sistema social tem sobre as relações entre homens e mulheres, colocando a mulher em papel secundário nessas relações, espero estar contribuindo para este espaço de reflexão e desconstrução dos padrões sociais e de conduta estabelecidos para homens e mulheres na sociedade atual.

A ficção escrita por mulheres sobre mulheres para mulheres através de Austen em *Orgulho e Preconceito*, Helen Fielding no livro *O diário de Bridget Jones* e a adaptação fílmica homônima dirigida por Sharon Maguire retratam o patriarcado através de uma perspectiva feminina, colocando em foco o protagonismo da mulher nestas produções culturais.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Tania Frugiuele Soares. *Jane Austen on screen: A literatura e o cinema*. 2006. 65 f. Monografia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Curitiba, 2006.
- AUSTEN, Jane, 1775-1817. *Orgulho e preconceito*. [Pride and prejudice]. Roberto Leal Ferreira (Trad.), São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BARROS, José D'Assunção. A Poética do Amor Cortês. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 25, p. 215-228, 2015.
- BARROS, J. A. Os trovadores medievais e o amor cortês: reflexões historiográficas. *Revista Aletheia*. v. 1, n. 1, p. 1-15, 2008.
- BIGUELINI, Elen. *O triunfo do casamento por amor: Jane Austen e o matrimônio*. 2009. 52 f. Monografia. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.
- BUSS, Ariana. *A representação da família inglesa nos séculos XVIII e XIX através dos romances "Orgulho e Preconceito", "Razão e Sensibilidade" e "Persuasão" de Jane Austen*. Trabalho de Conclusão de Curso. UNESC. 2011.
- CAMPBELL, Joseph, MOYERS, Bill. *O poder do mito*, organizado por Betty Sue Flowers. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COSTA, Iris Maria Figueiredo da. *Duzentos anos com rostinho de vinte: A influência de Orgulho e Preconceito para novas produções*. 2014. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comunicação da Universidade, Rio de Janeiro, Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- EBERLE, Hannah. How Jane Austen Uses Marriage to Get What She Wants. *Pursuit - The Journal of Undergraduate Research at the University of Tennessee*. Knoxville. v. 3, n. 1, p. 1-18. 2011.

FERRY, Luc. *On Love: A Philosophy for the Twenty-First Century*. Malden. Ed: Polity Press. 2013.

GARCIA, Ana Jois; PONTES, Verônica Maria de Araújo. O diário de Bridget Jones: reflexões sobre a mulher contemporânea. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO, 4, 2015, Rio de Janeiro. *Resumos...* Rio de Janeiro, CEDUCE, 2015. p 1-9.

HOOKS, bell. *Understanding patriarchy*. Louisville Anarchist Federation Federation. 2010. Disponível em: <<http://imagineborders.org/pdf/zines/UnderstandingPatriarchy.pdf>>: Acesso em: 10 de dezembro de 2017

HUTCHEON, Linda. *A theory of adaptation*. Nova Iorque. Ed: Routledge, 2006.

IMDB. Disponível em: http://www.imdb.com/find?ref_=nv_sr_fn&q=Pride+and+Prejudice&s=all. Acesso em: 20 de maio de 2017.

LANGENDRIES, Freya. *The marriage plot unraveled from Austen to Eugenides*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Literatura: Inglês-Holandês. Ghent University. 2015.

LOUZADA, Laura da Cunha. *Réquiem para o romance de casamento: a paródia em A Trama do Casamento, de Jeffrey Eugenides*. Dissertação de mestrado em Letras. Porto Alegre: Faculdade de Letras, PUCRS, 2015.

MERÇON, Marineis. *A residualidade literária das cantigas trovadorescas na música popular brasileira: uma análise das músicas de Chico Buarque e Caetano Veloso*. Cadernos UNDB: Estudos Jurídicos Interdisciplinares, p. 271 - 286, 15 out. 2014.

- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NASCIMENTO, S. M.. *Uma Leitura Política dos Casamentos no Romance Orgulho e Preconceito (1813) de Jane Austen*. São Paulo, 2012.
- O'CONNELL, Lisa. *Vicars and Squires: Religion and the Rise of the English Marriage Plot*. *The Eighteenth Century*, vol. 52, n. 3-4, 2011, pp. 383-402. DOI: 10.1353/ecy.2011.0022.
- O DIÁRIO de Bridget Jones. Direção: Sharon Maguire, Produção: Tim Bevan; Jonathan Cavendish; Eric Fellner. Estados Unidos; Reino Unido; França: StudioCanal; Working Title Films, 2001. DVD.
- SANTOS, Waniamara J. *As funções da ironia na obra literária Orgulho e preconceito, de Jane Austen*. Monografia de Graduação em Letras. Diamantina: Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, 2009.
- VILAS BOAS, C. M. S. ; HUNHOFF, E. D. *Um estudo sobre a origem da Língua Portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social*. *Revista Moinhos*, v. IV, p. 33-45, 2014.
- WEINSHEIMER, Joel. *Chance and the Hierarchy of Marriages in Pride and Prejudice*. Johns Hopkins University. *English Literary History*, vol. 39, n.3, 1972, p. 404-419. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2872192>>. Acesso em: 30 de maio de 2017.
- ZARDINI, A. S.. *A identidade feminina na obra 'Orgulho e preconceito' de Jane Austen*. In: IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2013, Uberlândia. *Anais do IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística*. Uberlândia: UFU, 2013. v. 3. p. 1-12.